

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes

Vice-Reitora: Prof. Dr. Myriam Krasilchik

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

Departamento de Antropologia

Chefe: Prof. Dr. Paula Montero

Vice-Chefe: Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Coordenadora: Prof. Dr. Paula Montero

Comissão Editorial:

Alessandra El-Far

Edgar Teodoro da Cunha

Gabriel Coutinho Barbosa

Marcus Pereira Rufino

Rose Satiko G. Hikiji

Carlos Machado Dias Jr.

Fraya Frehse

Luiz Henrique de Toledo

Piero de Camargo Leirner

Ronaldo R.M. de Almeida

Consultoria Editorial:

Profa. Dra. Dominique Tilkin Gallois • Prof. Dr. José Francisco Quirino dos Santos

• Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani • Profa. Dra. Lilia Katri Moritz

Schwarz • Profa. Dra. Maria Lúcia Montes • Profa. Dra. Laura de Mello e Souza

• Profa. Dra. Angela Alonso • Profa. Dra. Maria Aracy Lopes da Silva • Profa.

Dra. Paula Montero • Prof. Dr. Renato Queiroz • Profa. Dra. Heloísa Pontes •

Prof. Dr. Sérgio Adorno • Profa. Fernanda Peixoto • Profa. Dra. Sylvia Caiuby

Novaes • Prof. Dr. Walter Neves • Prof. Wagner Gonçalves da Silva • Luiz

Eduardo L. de Abreu • Marta Amoroso • Luís Donisete Benzi Grupioni •

Edilene Coffaci de Lima • Omar Ribeiro Thomaz

Editor Executivo:

Carlos Machado Dias Jr. (cmjunior@usp.br)

Corpo da revista – Projeto gráfico e tratamento:

M. Beatriz Marques Bellintani

Capa e Abertura de Sessões - Projeto gráfico:

Carlos Machado Dias Jr.

Laura Teixeira

Rogério Cipolla

Tratamento: Rogério Cipolla

Fotos: Laura Teixeira

Cadernos de Campo - Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – USP

Caixa Postal 8105

CEP 05508-900

São Paulo – SP

Cadernos de Campo é indexada pela *Ulrich's International Periodicals Directory* –

ISSN 0104-5679

EDITORIAL

Cadernos de Campo, revista editada pelos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, chega ao seu sexto ano marcada pela formação de uma nova comissão editorial, que, em conjunto com os antigos editores, publica neste volume os números 5 e 6. Esta não é a primeira mudança no corpo editorial da revista, cuja composição obedece em parte ao movimento do programa de pós-graduação em Antropologia Social da USP.

A revista se concretiza à medida que novos pós-graduandos assumem a empreitada de um trabalho ainda muito artesanal. Com exceção do trabalho de gráfica e dos pareceres do conselho editorial, todas as etapas de confecção da revista são realizadas pelos alunos. Se isso limita algumas pretensões dos editores, é fato que o produto deste esforço tem ampliado o espaço de divulgação dos trabalhos de mestrandos e doutorandos de diversas universidades brasileiras e, principalmente, daqueles que concluem suas dissertações e teses.

Cadernos de Campo pode ser encarada, por um lado, como laboratório de nosso trabalho acadêmico, já que se trata de um canal importante de registro e circulação dos caminhos e descaminhos relativos às pesquisas de cada um de nós. Por outro, a revista é um laboratório para aqueles que a editam. Afinal, buscar o melhor conjunto de artigos é um desafio inerente a qualquer trabalho voluntário e artesanal. Eis o que nos leva a comemorar aqui o sexto aniversário da publicação, ressaltando que a renovação de sua comissão editorial e o compromisso com as próximas edições apontam para a relevância da revista, que permanece, para além das várias “gerações” de editores.

Comissão Editorial

Sumário

ARTIGOS

- 1 Do velho ao antigo: etnografia do surgimento de um patrimônio
Bernardo Lewgoy
- 25 Classificações êmicas da natureza – a etnobiologia no Brasil e a socialização das espécies naturais
Eduardo Carrara
- 47 Poder criativo e domesticação produtiva na estética piaroa e kaxinawá
Elsje Maria Lagrou
- 63 Metáforas convencionais & atribuição de crenças
Paulo A.G. de Sousa
- 83 A metáfora do olhar em *Janela indiscreta*, de Alfred Hitchcock
José de Souza Martins
- 87 Quando o Metro era um palácio: salas de cinema e modernização em São Paulo
Heloísa Buarque de Almeida
- 117 Entre largo e praça, matriz e catedral: a Sé dos cartões postais paulistanos
Fraya Frehse
- 157 Representações depreciativas e espaços: notas sobre um estudo de caso
Maria das Graças Furtado
- 173 Da raça a identidade – da disputa por paradigmas na ciência do outro
Andreas Hofbauer

ENTREVISTA

- 193 Falando de antropologia – Entrevista com Roberto Cardoso de Oliveira
Luís Donisete Benzi Grupioni e
Maria Denise Fajardo Grupioni

TRADUÇÃO

- 217 Édipo e J6 na África Ocidental – Meyer Fortes
Samuel Titan Jr.

RESENHAS

- 255 Jonathan Spence. *Em busca da China Moderna*
Marcos Lanna
- 259 Jean-Paul Dumont. *Under the rainbow. Nature and supernature among the Panare Indians*
Renato Sztutman
- 267 Paulo Menezes. *A trama da imagens*
Rose Satiko Gitirana Hikiji
- 275 Ana Maria Doimo. *A vez e a voz do popular: movimentos populares e participao política no Brasil p6s 70*
Carolina Moreira Marques

COMUNICA6ES & INFORMES

- 281 Imagens e o olhar das Ciências Sociais: a trajet6ria do GRAVI
Edgar Teodoro da Cunha
- 287 Informe sobre teses e disserta6es

Apresentação

Com este novo volume, *Cadernos de Campo* chega a seu sétimo ano de existência, com uma nova geração de editores e o velho vigor para o debate, para a inquietação intelectual, para o enfrentamento de questões contemporâneas e para a adoção corajosa de perspectivas disciplinares e interdisciplinares amplas, presentes desde o seu primeiro número. O convite para redigir esta Apresentação e, assim, participar desta empreitada não poderia, portanto, deixar-me mais feliz.

Neste número, *Cadernos de Campo* mantém seu formato original: aos artigos e à entrevista (comentados com algum detalhe a seguir), soma a publicação da tradução de um texto clássico, mas ainda inédito entre nós e fonte de inspiração tanto para a revisão crítica de conceitos e procedimentos quanto para a formulação de novos questionamentos sobre problemas fundantes da disciplina. As resenhas abordam obras que se destacam quer por sua atualidade, quer por sua vinculação direta aos interesses dos grupos de pesquisa em atividade na pós-graduação, ampliando os espaços do exercício da crítica e do intercâmbio de idéias. As seções finais, informativas, trazem notícias de grupos e projetos de pesquisa em equipe e uma relação de teses e dissertações recentes, prestando um serviço essencial à comunidade de pesquisadores em Ciências Sociais e áreas afins.

O que chama a atenção no conjunto dos nove artigos aqui reunidos é, primeiro, a grande variedade dos temas abordados e o adequado encadeamento estabelecido entre eles na composição do volume. Várias sub-áreas da disciplina estão representadas aqui: da etnologia à antropologia estética, dos estudos sobre representações de espaços urbanos àqueles sobre o patrimônio histórico, das teorias etnobiológicas às discussões sobre paradigmas alternativos. Em torno de questões como a vida cotidiana, o olhar, a imagem, a metáfora e a modernização, dialogam a antropologia e a sociologia.

A essa variedade temática, porém, associa-se uma recorrente preocupação com o tratamento teórico-metodológico das dinâmicas da cultura e das transformações socioculturais, e a formulação de problemas e questionamentos críticos sobre tais processos é o que dá a este volume de *Cadernos de Campo* a sua unidade.

Uma etnografia e um balanço bibliográfico abrem o volume. Para além de suas especificidades tópicas, os artigos de Bernardo Lewgoy e Eduardo Carrara encontram-se no debate sobre as dinâmicas culturais, abordadas, no primeiro, através do tratamento do passado e da história (tal como concretizados no patrimônio arquitetônico da imigração italiana no Rio Grande do Sul) e, no segundo,

através da intervenção de práticas e significados culturais na construção das classificações êmicas de espécies naturais (tornada visível por meio da revisão crítica dos estudos etnobiológicos realizados no Brasil). A eles vem somar-se o artigo de Elsjé Maria Lagrou, que aborda as relações entre cultura, sociedade e criatividade através da análise do estatuto da arte no mundo ocidental e no universo social dos povos indígenas sul-americanos. A autora reflete sobre as relações entre coletividade e individualidade, poder criativo e coerção, temas que desde sempre interessaram os cientistas sociais. O enquadramento teórico destes dois últimos trabalhos e o modo como formulam as questões que atacam fazem com que eles abram canais de comunicação entre a etnologia e outros campos de especialização da antropologia. Este é um movimento vital e oportuno, que busca a superação de barreiras internas à disciplina e estimula tanto o trânsito de resultados de pesquisa quanto a intensificação do debate teórico entre suas diversas sub-áreas.

As ciências cognitivas, já abordadas no artigo de Carrara, voltam à cena como fontes de inspiração para o refinamento conceitual proposto por Paulo A. G. de Sousa, referente a instrumentos de interpretação importantes para a elaboração do texto etnográfico. Seu trabalho traz, portanto, um alerta e uma contribuição metodológica de grande interesse e conduz à discussão da metáfora como instrumento da criatividade, da expressão e da interpretação, questão presente tanto em Lagrou como no artigo de José de Sousa Martins. Arte, imagem, registro e interpretação são, neste conjunto de trabalhos, problematizados tanto como experiências sociais quanto como objetos e processos próprios ao trabalho do cientista social. Através da análise da concepção crítica do olhar cinematográfico e fotográfico (presente nos filmes de Hitchcock), que define como “metáfora do ver e do viver”, Martins questiona as múltiplas dimensões do olhar, sua “relatividade e duplicidade”. Ao falar do cinema, toca fundo no “ofício do antropólogo” (como o definiu Roberto Cardoso de Oliveira em artigo recente na *Revista de Antropologia*), ao abordar as mediações do olhar, desde o registro até a interpretação da vida cotidiana.

Martins (como Lagrou, em outro plano) põe sob o foco de sua reflexão a “vivência fragmentária”, própria da vida moderna. Se a arte se constitui em domínio autônomo na sociedade ocidental e o artista nasce da prática criadora desenvolvida através da individualidade, o cinema de Hitchcock registra “a solidão na sociabilidade”.

A associação entre o cinema e a modernização, desta vez apresentada como representações elaboradas ao longo de experiências de vida, volta a aparecer neste volume quando se chega ao artigo de Heloisa Buarque de Almeida. Espectadores das salas de cinema das décadas de 40-50 em São Paulo emprestam suas vozes para nos conduzirem, através da análise, à tese de que o desenvolvimento do consumo esteve, no período, fortemente associado à consciência da modernização do país. As “rupturas e continuidades culturais” inerentes aos processos de transformação sociocultural constituem também o foco das inquietações de Fraya Frehse, em seu artigo sobre as representações da mesma São Paulo (e da

identidade do paulistano para si e para os outros), na virada do XIX e até meados deste século. Percepções do passado e da história, imagem e representação, o que se vê e o que se mostra ao olhar... De novo se evidencia com clareza a unidade do volume.

Os cartões postais analisados por Fraya Frehse registram imagens da Sé paulistana. É também a busca pela compreensão do simbolismo identitário dos espaços urbanos o que desafia Maria das Graças Furtado ao debruçar-se sobre as representações depreciativas sobre moradores de cortiço e a dinâmica que se instaura entre a formulação original de tais categorias e a apropriação que delas é feita no interior desse universo. Furtado analisa o diálogo tenso entre as duas perspectivas e demonstra que a incorporação dos estereótipos negativos pelos próprios moradores dos cortiços, antes de ser submissão passiva, indica processos de invenção cultural criadora de sentidos múltiplos e próprios. Uma menção muito breve cabe aqui ao debate contemporâneo em curso no campo da etnologia indígena sul-americana, exatamente sobre o mesmo ponto teórico, qual seja, a articulação entre processos e perspectivas internalistas e externalistas a um dado universo social com identidade específica e a ruptura sistemática, no plano analítico, de oposições radicais entre categorias (tais como “culturas tradicionais”/“grupos aculturados”; “sociedade envolvente”/“sociedade indígena”, etc.), como recursos para uma compreensão mais adequada da complexidade dos diálogos históricos entre grupos sociais e da complexidade das dinâmicas culturais.

O artigo final e a entrevista concedida a *Cadernos de Campo* por Roberto Cardoso de Oliveira apontam também para as mudanças, as transformações, e o enriquecimento da reflexão e da teoria através da tensão entre paradigmas e percursos alternativos. Andreas Hofbauer, tomando por referência os estudos afro-brasileiros, recupera a história das idéias na antropologia para discutir e avaliar a transformação dos recursos analíticos implicada pela substituição da noção de “raça” pelo conceito de “identidade”. O professor Roberto Cardoso de Oliveira, que há tantos anos nos alimenta com suas profundas reflexões, compartilha agora, conosco, entre tantos outros assuntos, considerações sobre o seu próprio percurso intelectual e sobre as relações entre a filosofia e a antropologia em si mesmas e em si mesmo.

Se os textos aqui publicados convergem para uma problemática teórica comum, de fundo, as perspectivas e os estilos são múltiplos e os universos sociais pesquisados, grandemente variados. O debate entre sub-áreas da disciplina e entre esta e ciências afins é aqui estimulado, assim como também o é o diálogo entre diferentes gerações de pesquisadores em antropologia. A revista dos alunos da pós-graduação em Antropologia Social vai assim se firmando como uma produção coletiva continuada, afinada com os problemas de seu tempo e capaz de uma contribuição expressiva e singular. Aos alunos e seus colaboradores, a minha admiração.

Aracy Lopes da Silva



artigos

